

# GÊNESE E ESTRATÉGIAS DA MÍDIA ABOLICIONISTA ESTADUNIDENSE: DO PANFLETO À NARRATIVA DE ESCRAVOS (1688-1829)

## GENESIS AND STRATEGIES OF THE US-ABOLITIONIST MEDIA: FROM THE PAMPHLETS TO THE SLAVE NARRATIVE (1688-1829)

Felipe Vale da Silva 1

**Resumo:** O abolicionismo estadunidense foi tudo menos simples: antes de falar de um movimento uno, podemos entendê-lo como um longo debate que se estendeu por 177 anos até que seu objetivo central fosse atingido. Assim, é mais correto falarmos de múltiplas fases do movimento, cada qual com sua filosofia, com sua expectativa perante os negros emancipados e, sobretudo, com uma ideia própria de como alcançar seus alvos. Identificaremos em 1829 uma ruptura entre duas grandes visões de emancipação: uma gradualista e moderada, remontante à época colonial, e outra imediatista e radical. Esse é o momento em que o negro ganha presença na mídia jornalística e literária, contribuindo com argumentos e estratégias de combate antes oclusas à esfera pública os quais, por fim, transformaram o abolicionismo num movimento de massas capaz de alterar os rumos daquele país.

**Palavras-chave:** Abolicionismo. Escravidão. Anthony Benezet. David Walker. História dos Estados Unidos.

**Abstract:** Abolitionism in the United States was anything but simple; instead of assuming it as a unified movement, one can fathom it as a long debate which ranged for 177 years before its goal was achieved. Therefore, it is more correct to talk about multiple phases of this movement, each with its philosophy, with its expectations towards emancipated African Americans and, above all, with its own ideas of how its goals could be brought about. Hereby, we identify a disruption between two major views of emancipation taking place in 1829: one gradualist and moderate, dating back to the Colonial Era, and the other immediatist and radical. Such was the moment where blacks gained presence in the journalistic and literary media, thereby contributing with arguments and fighting strategies which were hitherto hidden to the public sphere and which, from that point on, transformed abolitionism in a mass movement capable of altering the course of that country.

**Keywords:** Abolitionism. Slavery in the USA. Anthony Benezet. David Walker. US History.

---

Possui graduação em Letras (2006), mestrado e doutorado em 1  
Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo. No momento pesquisa junto  
ao departamento de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.  
Áreas de interesse: narrativas de escravos norte-americanas, ficção histórica,  
literatura alemã do século XVIII, literatura norte-americana do século XIX e  
Iluminismo. Atua como tradutor de alemão e inglês.  
E-mail: felipe.vale.silva@gmx.com

## Raízes quacres do discurso abolicionista (1688-1784)

“O abolicionismo nasceu com a república americana”, lemos em uma pesquisa recente.<sup>1</sup> A rigor, ele surgiu até antes de os anglo-saxões sonharem em declarar independência da coroa britânica. O primeiro registro de manifestação contra a escravidão no atual território dos EUA remonta a 1688, e, contra a imagem que muitos possam ter de uma manifestação do tipo, aquela não se formava por um aglomerado enfurecido de homens em cartola e mulheres em longos vestidos levando a bíblia numa mão e punho ao ar. Tratou-se, antes, da decisão tomada a portas fechadas por uns poucos de líderes quacres (ou *quakers*) na Filadélfia. Para eles, na condição de autoridades comunitárias, decidir-se contra a escravidão era uma questão de administração local, além de garantia de recompensas espirituais: o mundo ideado pelos quacres não podia carregar a marca do pecado de tornar cativo um indivíduo que, quiçá, teria sido tocado pela luz divina. Por força do dever cristão da caridade, os indivíduos em questão adotaram doutrinas teológicas de um George Fox (defensor do princípio de irmandade de toda a raça humana), produzindo um documento que, na historiografia, ficou conhecido como o *Germantown Protest*.<sup>2</sup>

Como sociedade de colonos semiautônoma, os quacres se organizavam a princípio como pequenas comunidades autossuficientes cujas reclamações, dilemas jurídicos ou pedidos de ajuda deveriam ser comunicados às demais comunidades quacre, dentro ou fora do estado da Pensilvânia, no formato de petições. Estas seriam então levadas para um encontro trimestral de líderes de diversos núcleos quacres dentro do estado. Caso uma petição fosse aceita como relevante, seria levada para um encontro anual, de alcance interestadual.

Esse foi o caso da *Germantown Protest*, uma petição relativamente curta que denuncia a desumanidade por trás da escravidão, ressaltando seu efeito daninho à boa imagem da comunidade quacre. Manter filhos de Deus cativos, diz, é algo a se esperar de “um turco”, não de um cristão. Alguns assuntos ali elencados antecipam temas das narrativas escritas pelos negros somente no século XIX, quando o abolicionismo já era um movimento coordenado de dimensões nacionais, com sua mídia própria e representantes nos altos escalões do governo: o drama da separação das famílias de negros, da migração involuntária para um continente completamente desconhecido, além do roubo da força de trabalho.

Há menção ainda a um fator extra, relativo à experiência daqueles colonos recentes. Cenas da vida cativa no estado da Pensilvânia levaram os cidadãos da vila Germantown a constatar que a crueldade perpetrada no Novo Mundo conseguia superar aquela da qual eles próprios fugiram na Holanda e Alemanha. “Isso dá mau testemunho em todos aqueles países da Europa onde se ouve que vocês, quacres, aqui tratam seres humanos da mesma forma que lá eles tratam gado”.<sup>3</sup> A petição segue como um longo silogismo que podemos expressar nos seguintes termos: *considerando que comunidade que ideamos destoa dessa realidade violenta, cabe eliminarmos o problema da escravidão dentro de nosso próprio círculo*. Daqui até meados de 1830, o discurso da abolição tratava a escravidão como um pecado do qual os brancos deveriam se afastar, pela salvação de suas próprias almas e autoimagem.

Tais objeções de fato surtiram efeito, ainda que lentamente. No Encontro Anual da Filadélfia da 1750, o grupo votou uma política interna bastante categórica: todos os quacres possuidores de escravos deveriam ou se livrar deles, ou romper laços com a igreja.<sup>4</sup> Aquilo era proposto como uma exortação aos irmãos em pecado, e ela era irrevogável. Até então, ser um quacre abolicionista era uma questão de consciência, fruto de deliberação pessoal; a partir daí, passara a ser um mandamento. Tal inflexibilidade inédita perante a questão do negro ajuda a definir a imagem dessa pequena vanguarda perante a sociedade norte-americana. Aqui temos a primeira formulação da doutrina que doou celebridade aos quacres até décadas prévias à abolição da escravatura, em 1865: eles eram os ‘amigos dos escravos’. Em relatos biográficos de escravos fugidos em fase prévia à Guerra Civil Americana encontramos uma constante: sua fuga não teria sido possível sem o auxílio

1 Trata-se do livro de Richard Newman (2002, p. 2). Por motivos de praticidades, todos os trechos em língua estrangeira serão traduzidos. As traduções são de autoria do articulista.

2 Ver Quaker Protest..., 1688. No momento, o documento encontra-se na coleção de documentos raros do Haverford College.

3 “Quaker Protest..., 1688, p. 1.

4 Cf. Newman, 2002, p. 17.

de uma rede de quacres organizados e dispostos, sob penalidade da lei, a alimentá-los, tratar de suas feridas, prover-lhes abrigo e, sobretudo, escondê-los de caçadores de recompensa. Mais tarde a tal rede, interligando centenas de milhas desde o sul escravista até o Canadá, passou a ser conhecida como a *Underground Railroad*. Na biografia tardia de Harriet Tubman, lemos:

Foi depois de escurecer que um homem veio andando lentamente pelo caminho sólido na beirada do pântano. Ele trajava as indumentárias de um quacre e mostrou ser um amigo de fato; parecia que ele estava falando consigo, mas os ouvidos treinados pela prática captaram as palavras que dizia: “minha carroça está no pátio perto da próxima fazenda, nesta direção. O cavalo está no estábulo; o arreo está pendurado no prego”. E o homem se foi. Ao cair da noite, Harriet foi até o local designado. Não apenas uma carroça, mas uma carroça bem provisionada se encontrava no pátio. E num espaço de poucos minutos o grupo foi resgatado de sua posição deplorável para serem postos a caminho, regozijantes, da próxima cidade (BRADFORD, 1886, p. 56).

### Anthony Benezet e a retórica da persuasão moral

A transformação da comunidade quacre, em si, foi lenta. No período relatado na citação acima, meados de 1850, muitos quacres recorriam a meios ilegais para abrigar escravos fugidos, cientes de que a legislação americana perpetuava um pecado, como vimos, previamente denunciado por seus antepassados. Antes de 1830, porém, o destino de cativos dependia do acordo conjunto entre células quacres apartadas, que se reuniam apenas anualmente. A libertação dos escravos em diferentes contextos dependia da boa vontade de um ou outro líder comunitário, portanto. Por intermédio de petições para o senado, em 1780 a Pensilvânia proíbe a servidão vitalícia. Esse é um dado importante a se reter sobre o abolicionismo oitocentista: ele se expandia por meios estritamente legais, por petições e acordos formais, jamais pelo espírito de agitação e desobediência civil.

Foi no mesmo tom de sobriedade que, dentro da comunidade quacre, inicia-se uma campanha de divulgação panfletária para fora que justificava, por meio de argumentos teológicos, a irmandade de todos os seres humanos. Logo a Sociedade dos Amigos de Nova Iorque e da Nova Inglaterra adota princípios semelhantes de seus irmãos da Pensilvânia.<sup>5</sup>

Então surgem pregadores itinerantes da causa abolicionista, aptos a convencer sua plateia a libertar todos os cativos que mantém em casa.<sup>6</sup> Dentre os pregadores mais radicalizados se encontra um dos primeiros dos vários nomes a ser citados aqui, Anthony Benezet. Já em 1750, publicou tratados de cariz teológico justificando o perigoso equívoco que era a escravidão, peças retóricas formadoras do movimento em função de sua eloquência.<sup>7</sup> Diferente de seus correligionários, Benezet unia dentro de si tanto o filósofo quanto o agitador. Seu ambiente de trabalho era o escritório, mas também as ruas; a retórica de seus textos mescla a linguagem da filosofia com apelos emotivos de quem fala perante uma multidão. Nesse sentido, ele criou precedente para diversas gerações futuras de ativistas radicalizados. A retórica dupla do abolicionismo oitocentista — de tom simultaneamente judicativo e poético — encontra seu modelo aqui.

Tratemos brevemente de um de seus panfletos. Em *A short account of that part of Africa inhabited by the negros*, de 1762, Benezet apresenta dados etnográficos sobre a atual Guiné-Conacri ao público norte-americano os quais, no século seguinte, poucos teriam acesso direto. Nascido na França, Benezet viveu a travessia do Atlântico numa época em que colonos fugidos de perseguições religiosas aportavam no Novo Mundo, lado a lado aos navios negreiros. O tráfico de escravos nos EUA, aliás, não seria proibido até 1808. Diferentemente de homens e mulheres às vésperas da Guerra Civil, Benezet tinha contato direto com missionários e marinheiros que conheciam a costa africana. A riqueza das civilizações fora do eixo Europa-América do Norte não lhe era desconhecida.

Daí a presença, constante em seus escritos, de estatísticas e testemunhos em primeira mão.

5 Cf. Davis, 1975, p. 213.

6 Cf. Newman, 2002, p. 17.

7 Ver introdução a Benezet & Wesley, 1858, p. 21-22; Newman, 2002, p. 32.

“Ele era igualmente infatigável ao coletar, dos próprios negros, estatísticas e dados fatuais acerca de seus sofrimentos” (BENEZET & WESLEY, 1858, p. 24), conta o prefaciador anônimo de uma reimpressão tardia de seus textos. O fato de tal reimpressão ter sido feita em 1858, momento em que o abolicionismo virara algo muito mais radical do que era na época aqui tratada, é de suma importância: o apelo de Benezet foi persuasivo por quase um século.

Infere-se que negros sejam, em geral, uma gente estúpida e selvagem, cuja situação em sua própria terra é uma de destituição e infelicidade; isso induziu muitos a crerem que o ato de os trazer de sua terra natal foi uma gentileza, ao invés de uma ofensa (BENEZET, 1858a, p. 55).

Essas, o autor continua, são “false representations” (*idem*) — substantivo que, sem devida contextualização, pode parecer de pouca importância. Segundo o jargão epistemológico da época, fazer *false representations* significa atribuir a um objeto um conceito equivocado por falta de rigor intelectual ou de experiência; significa fazer *false inferências*.

A partir daí, no panfleto, desdobra-se um verdadeiro tratado etnográfico: a antiga civilização guineense estava sendo destruída desde o século XVI pelo fomento de conflitos internos. Os grandes responsáveis por tais guerras foram holandeses, anglo-saxões e franceses. Guerras, para os guineenses, nunca duravam mais que cinco ou seis dias (*ibidem*, p. 57). Foi a introdução noções europeias de conflito e o empréstimo de armas na região que transformou a vida dos locais, tudo com o objetivo de alimentar a máquina da colonização. “Quanto maiores as guerras, maior o número escravos”,<sup>8</sup> Benezet resume (*idem*). Derrotados nas guerras viravam escravos e eram enviados às Américas para trabalhar compulsoriamente.

Ao dar dados concretos sobre uma realidade que o público americano talvez não conhecesse, a da longínqua Guiné, Benezet realiza a tarefa de esclarecê-lo duplamente. Inicialmente, cabe ao público absorver a nova experiência e repensar os lugares-comuns veiculados no discurso do dia-a-dia. Nas últimas páginas do panfleto em questão, lemos um apelo final: “agora, vocês que estudaram o livro de suas consciências, mais aqueles instruídos na lei, o que dirão a respeito desse caso deplorável?” (*ibidem*, p. 62). Uma vez que se adquire conhecimento das diversas dimensões daninhas da escravidão, conhecimento reverte-se em responsabilidade.

Noutro panfleto de 1766, *Caution and warning to Great Britain and her colonies on the calamitous state of the enslaved negroes in the British dominions*, Benezet estende sua provocação à ignorância norte-americana em relação ao que acontece na África para pôr em jogo uma crença na superioridade racial do homem branco:

Atrevo-me a ponto de afirmar que a noção, cogitada por alguns, de que negros são inferiores em suas capacidades, é um preconceito vulgar, fundado no orgulho ou ignorância de seus mestres, os mesmos que mantiveram seus escravos a tal distância que se tornaram incapazes de formar um juízo correto deles (BENEZET, 1858b, p. 26).

O trecho é de suma importância. Durante todo o século XIX, o mito da superioridade branca ganhará contornos pseudocientíficos e teológicos contra os quais abolicionistas se virão obrigados a contra-argumentar e que, afinal, até hoje fazem parte do repertório de respostas prontas dos suprematistas brancos nos EUA. Esse foi um desdobramento desastroso para aquilo que Benezet encarou com certo otimismo: a seu ver, o preconceito racial se dissiparia uma vez que seus panfletos alcançassem uma audiência ampla o suficiente. Assim que isso acontecesse, todos os lados ganhariam: aquela era uma época de fermentação dos movimentos de independência, e caso os “defensores da liberdade” deixassem de ser “insensíveis e desatentos em relação ao tratamento de milhares e dezenas de milhares de compatriotas” (*op.cit.*, 1848b, p. 29), encontrariam aliados importantes para sua própria luta contra a opressão britânica.

Nos dois textos, a exposição dos bastidores da escravidão é seguida de um apelo emocional;

<sup>8</sup> As estratégias de captura de escravos na África foram teorizadas mais tarde como aquilo que Philip Curtin chama de “economia do roubo”. Para um tratamento extenso da questão, ver Davis, 2003, p. 35 et seq.

aqui reside a estratégia dupla mencionada acima. “Poderá algum coração compassivo ouvir este relato sem ser acometido por simpatia e pesar?” (*op. cit.*, 1858a, p. 62).<sup>9</sup> O que chamei de momento do apelo tornou-se, mais tarde, uma constante em textos abolicionistas, sejam eles panfletos, sermões ou narrativas. William Lloyd Garrison o chamará de momento da *moral suasion* (algo como ‘persuasão moral’).<sup>10</sup> Mais uma vez, há de se ter certo cuidado com a semântica dos termos em questão: não se trata da persuasão por meio de argumentos capciosos, como num ato de enganação. Ela é, antes, um convencimento que ocorre num diálogo entre interlocutores racionais, interessados em aperfeiçoar seus juízos acerca do mundo exterior. Ademais, trata-se da persuasão da *moral*; primeiro esclarece-se a mente via apresentação de provas, em seguida convence-se o coração.

Um indivíduo não é esclarecido sem um devido treino das faculdades sociais e empáticas — aqui temos uma visão da antropologia filosófica em voga na época, veiculada por pensadores do ‘sentimentalismo’ Jean-Jacques Rousseau, Moses Mendelssohn e, mais detidamente, James Hutcheson.<sup>11</sup> Este último, aliás, chega a ser mencionado nominalmente num ensaio tardio de Benezet e, por esse motivo, merece tratamento mais detido a seguir.<sup>12</sup>

A noção de persuasão moral foi a grande contribuição do século XVIII para o abolicionismo — ela não apenas está presente nas estratégias retóricas de sermoneiros da abolição, como também ‘vazou’ para o discurso literário. Ela marca o mais célebre romance antiescravista, *Uncle Tom’s Cabin* de Harriet Beecher Stowe (1852), mais dezenas de narrativas de escravos subsidiadas por grupos abolicionistas tardios. Como demais romances europeus da época (de Richardson, Rousseau e Goethe), essas narrativas terminaram por beber diretamente de uma concepção filosófica iluminista, as mesmas com que Benezet flertou em sua prosa curta. Considerá-la permite depreender como o abolicionismo moderno se apartou de suas bases cristãs, deixando de julgar a escravidão como pecado para passar a condená-la como um crime contra a humanidade.

### **Do moral sense à moral suasion**

A filosofia do sentimentalismo surge como correção da concepção de homem dos racionalistas: antes de ser uma máquina pensante, o humano é alguém que sente — e entendamos *sentir* aqui numa acepção ampla. Além dos cinco sentidos, construímos nossa imagem de mundo por meio de ligações afetivas com objetos e seres animados. O grande erro do racionalismo filosófico do início da Era Moderna — implicação Hutcheson, Rousseau e tantos outros — foi entender o ser humano como um ente movido de raciocínio em raciocínio, relegando a dimensão das paixões e sentimentos ao segundo plano. Aqui temos, em suma, uma filosofia que inverte hierarquias, propondo a existência de um senso moral interno em todos os seres humanos e responsável por sua sociabilidade e adaptação no mundo. Nossas motivações são basicamente ligadas a afetos, não a juízos lógicos.<sup>13</sup>

Por extensão, é um trabalho do afeto que determinará como certa sociedade lidará com questões sociais como a escravidão. O processo é gradual, já que depende do uso da esfera pública e divulgação de ideias no corpo social. A boa notícia de Hutcheson é: a capacidade de crescer emotivo e moralmente é inata a todos. Assim como minha visão, exceto por um impedimento fisiológico, funciona uma vez que eu abra os olhos, a faculdade moral está em plena atividade conforme interajo com o mundo. Daí o filósofo empregar o termo *moral sense* — trata-se aqui de um sentido moral semelhante aos cinco sentidos físicos, todos agentes ‘imediatos’, digamos, de interpretação da realidade.

Uma vez que a capacidade de sentir é inata no ser humano, o papel do iluminista amplia-se; além de educar a mente de seus pupilos via ciências, também o de aperfeiçoar suas faculdades emocionais. Vícios comportamentais passam a ser tratados como desvios corrigíveis mediante

<sup>9</sup> Ver caso semelhante, num segundo panfleto, em Benezet, 1858b, p. 37-38.

<sup>10</sup> A *moral suasion* chegou a ser eleita como estratégia oficial da American Anti-Slavery Society (AASS) em sua abertura, em 1832. A fortuna crítica da escravidão considerou tal estratégia uma inovação de Garrison, algo que vem sendo questionado nos últimos anos por estudiosos como Adeleke (1998, p. 127) e McNeese (2008, p. 71).

<sup>11</sup> Para um tratamento extenso das teorias da época e Hutcheson, ver McNaughton (1996) e Sauder (1974, p. 1-11, p. 65-85, p. 125-226).

<sup>12</sup> Ainda que com um erro de grafia, como James Hutchinson; ver Benezet, 1858b, p. 41.

<sup>13</sup> Parafraseando Fiering, 1981, p. 205.

educação adequada dos sentimentos, do convívio, da troca e amadurecimento em conjunto, mais adequada em configurações sociais promotoras da igualdade; a tarefa da filosofia torna-se também a de repensar formas de socialização que permitam um cultivo das propensões inatas a membros de uma sociedade (cf. McNAUGHTON, 1996, p. 171).

No contexto dos Estados Unidos, Hutcheson foi “provavelmente o filósofo moral mais influente e respeitado no século dezoito” (FIERING, 1981, p. 199). No entanto, o interesse em sua teoria foi estritamente prático: ela valia de um complemento secular para questões ainda não-respondidas da cultura moral dos Estados Unidos colônia. Para os abolicionistas a aplicação da teoria do *moral sense* via Benezet forneceu um aparato filosófico inovador, avesso ao senso comum e mais adequado do que a Bíblia cristã provara ser. De fato, mesmo que narrativas de escravos mais tarde sejam repletas de menções bíblicas, o uso do velho livro quase invariavelmente funcionava para corroborar argumentos desdobrados previamente, mediante uso da razão e *moral suasion*.<sup>14</sup> E havia uma razão bastante razoável para tal: quando abolicionistas encontravam trechos bíblicos condenando a escravidão, logo surgia uma legião de pró-escravistas com outro trecho defendendo sua legitimidade.

### **A institucionalização da causa: notas sobre o gradualismo (1784-1829)**

Por fim, as novas estratégias de Benezet começaram a surtir efeito. Em 1775, às vésperas da Revolução Americana, ele faz sua última grande contribuição para a causa abolicionista fundando a *Society for the Relief of Free Negroes Unlawfully Held in Bondage* (*Sociedade para Alívio dos Negros Livres Ilegalmente Mantidos em Cativo*), inaugurando um desenho institucional a ser seguido por inúmeras sociedades abolicionistas do século XIX. Benezet morre em 1784 como um grande filantropo e pensador social. O próprio Benjamin Franklin foi dos continuadores do trabalho de seu conterrâneo quacre, reconstruindo sua fundação de auxílio aos escravos e atuando como seu primeiro presidente. Ela agora passava a ser conhecida como *Pennsylvania Abolition Society* (chamá-la-emos de ‘PAS’). Logo outros Pais Fundadores se unem ao grupo: James Madison e John Jay. A mudança do nome da instituição indica um avanço; a fundação deixa de lado as pequenas causas e passa a pensar na alforria em toda a federação.

Naquela época de entusiasmo revolucionário, a palavra do dia era igualdade e fraternidade entre concidadãos americanos (McNEESE, 2008, p. 36). A PAS se valeu de retórica revolucionária, embora jamais apelasse para improviso de táticas ou transcendesse as leis do novo país que, afinal, seus próprios membros ajudaram a constituir. Se o início do abolicionismo fora exclusivamente quacre, agora se coordenava como uma organização de estrategistas políticos treinados no aparato jurídico, os mesmos que negociaram a independência do país anos antes (cf. NEWMAN, 2002, p. 19; STAUFFER, 2012, p. 68-69).

Nas décadas seguintes, a mídia abolicionista perde sua antiga inventividade; panfletos como os de Benezet escasseiam. Não se fala mais de *moral suasion* ou da experiência do próprio escravo. Antes, a PAS passa a agir por meio de petições, como os quacres de Germantown fizeram. Até 1830 foram vinte as petições enviadas como diversas reivindicações, desde apelos por casos pessoais de um ou outro negro injustiçado, até proposta de abolição gradual na federação (cf. NEWMAN, 2002, p. 21).

Entretanto, algo da antropologia filosófica de Hutcheson permanece: aquele otimismo iluminista que pensa a abolição como um processo gradual, mas certo. A escravagismo desapareceria como consequência da conscientização, em escala nacional, acerca das dimensões perversas da instituição. Aqui, o abolicionista se põe como um tutor benevolente, amparado pela razão, perante um público ignorante da natureza dos problemas sociais. Se, por um lado, Hutcheson e Benezet foram grandes otimistas ao pressupor o aperfeiçoamento moral das massas por meio de intervenção pedagógica, os membros da PAS foram grandes otimistas ao contar com o governo para destruir a instituição mais lucrativa na história do país. E eles o faziam apelando para as almas humanitárias de representantes estaduais.

Aqui temos a base filosófica para o que historiadores da escravidão chamam de gradualismo:

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, o capítulo XVI da narrativa de Harriet Jacobs (2018, p. 109).

ela crê em mudança institucional como uma negociação transparente entre as partes envolvidas. De fato, o abolicionismo gradualista foi a doutrina majoritária até 1829; poucos ousavam afirmar que a extinção da mão-de-obra escrava, da noite para o dia, seria algo além de um desastre de ordem econômica e social sem precedentes, sobretudo num país que ainda se recuperava da Guerra de Independência (cf. STAUFFER, 2012, p. 76).

O gradualismo, além disso, provava-se uma estratégia efetiva no final do século XVIII, ao menos nas áreas mais antigas da federação. Um a um, os estados do Norte decidem pela abolição. Primeiro Vermont liberta antigos escravos dos colonos britânicos, gradualmente, em 1777; em seguida, a Pensilvânia alforria negros nascidos a partir de 1780; Massachusetts vai mais longe e liberta todos os cativos imediatamente em 1783; New Hampshire declara alforria gradual em 1783, seguido em 1784 por Connecticut e Rhode Island. Os últimos são Nova Iorque, emancipando crianças nascidas após 1799 e Nova Jersey, decretando emancipação gradual em 1804 (cf. McNEESE, 2008, p. 37). A antiga economia monocultora, menos lucrativa no clima do Norte, foi substituída de uma forma supostamente inviável para os estados recém-formados do Sul, ainda carentes em infraestrutura (cf. STAUFFER, 2012, p. 70).

Até aquele momento, medidas não-violentas pareciam estar funcionando. Em Massachusetts, as perspectivas para o futuro são promissoras. O grande abolicionista William Lloyd Garrison, no começo de sua carreira como ativista, ecoa Benezet ao declarar: “Eles [os abolicionistas] são pequenos em número—pobres em recursos; mas a convicção honesta de que a VERDADE, a JUSTIÇA e o DIREITO estão de seu lado os torna invencíveis” (GARRISON, 1852 [1833], p. 66). O documento em questão ficou conhecido como *Declaration of Sentiments*, servindo de programa para a *American Anti-Slavery Society*, uma extensão da PAS sediada em Boston.<sup>15</sup> Aqui os pressupostos filosóficos são os mesmos de antes: estar do lado da causa da justiça vale por si só como garantia de que o sucesso será alcançado. Os injustos se convencerão de seus erros uma vez que forem persuadidos pela mensagem libertadora da abolição; construir uma nação livre dependia de que aquele debate se alastrasse pela esfera pública, atingindo todos os cantos da federação.

A herança do abolicionismo setecentista é evidente. A geração de 1830, no entanto, inova em termos de estratégia. Pela primeira vez um grupo abolicionista aceita negros livres ou fugidos, fora da elite política da União, em seu rol de membros. O grupo diverge seu apelo para as massas: “organizaremos Sociedades Anti-Escavidão, se possível, toda cidade, vila e vilarejo de nosso país; buscaremos a depuração de toda participação de igrejas no erro da escravidão”, declara Garrison. E mais importante aqui: “Circularemos, incansável e extensivamente, panfletos e periódicos; usaremos o púlpito e a imprensa em prol da causa dos que sofrem” (GARRISON, 1852 [1833], p. 71-72). Esse é o momento em que o abolicionismo se institucionaliza, coordenando-se na vasta geografia norte-americana por intermédio de uma mídia própria.

Diferente dos quacres setecentistas e da PAS, abolicionistas da geração de 1830 perderam parte da crença que sustentava o gradualismo: a abolição não seria conquistada eventualmente, por força do desenvolvimento natural da democracia norte-americana. Antes de tudo, ela dependia de ação coordenada. A retórica dupla da *moral suasion* e fornecimento de dados fatuais sobre a escravidão permanecem como estratégia central do grupo. Mas este é o momento em que o abolicionismo se divide em três:

(1) Por um lado, os gradualistas continuam como grupo fechado, restrito à elite política, até 1865 (não nos esqueçamos que o presidente Lincoln, o mesmo que assinou a abolição da escravatura, foi um gradualista quase até o final da Guerra Civil). Boa parte deles passou a defender a deportação de negros para a colônia africana da Libéria, formando a *American Colonization Society* (ACS) em 1817 para angariar fundos para a tal expatriação em massa dos afrodescendentes. O projeto terminou fracassando por completo. Seus aderentes iniciais foram a própria Harriet Beecher Stowe (de *Uncle Tom's Cabin*, que veicula seu elogio à ideia por meio da personagem George Harris) e o terceiro presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson.<sup>16</sup>

(2) Em segundo lugar, surge uma mídia abolicionista mista, formada por brancos como

15 A American Anti-Slavery Society se chamou inicialmente New England Anti-Slavery Society. Sobre um histórico de ampliação do grupo e inovações institucionais que trouxeram para grupos abolicionistas, ver Eisenstark, 2010, p. 56-57.

16 Os gradualistas se dividiram em numerosas vertentes em determinado momento. Para um tratamento extenso da ideia, ver Eisenstark, 2010, p. 44 et seq.

William Lloyd Garrison e intelectuais negros como Frederick Douglass. Ela defendia a abolição imediata dos escravos, o protesto não-violento por meio da esfera pública e a condenação do projeto veladamente racista da colonização da Libéria. Por convenção, chamaremos o grupo de 'imediatista'. Em termos de estratégias, como mencionado, este grupo é continuador das ideias de Anthony Benezet;

(3) Por fim, um último grupo radicalizado surge questionando os limites da *moral suasion* e táticas de não-violência. David Walker, Nat Turner e John Brown foram todos representantes dessa última vertente e propositores do direito de rebelião do negro cativo. A questão da escravidão, em resumo, seria resolvida num conflito de vida ou morte entre escravagistas e aqueles aptos a pôr em prática os princípios da Revolução Americana de igualdade entre todos os homens.

O desenrolar da história mostra que a razão estava do lado deste último grupo; em momento algum a questão do negro esteve perto de ser resolvida por meio de diálogo racional. Antes, foi necessária uma guerra civil de dimensões nunca vistas para pôr fim na instituição e inaugurar uma nova configuração de Estados Unidos da América.

Em partes, a crise da luta abolicionista ocorreu, contra as expectativas do jovem Garrison, porque a escravidão se tornara algo muito diverso de 1820 em diante. Se os abolicionistas organizavam sua própria mídia com livros, panfletos e jornais focados em divulgar a causa, também os escravocratas estavam se munindo de armas.

## Os limites do gradualismo

O gradualismo não foi descreditado unicamente porque outra forma de abolicionismo, mais contundente e ousada, surgiu para suplantá-lo. Antes, sua falência se deu por motivos técnicos. Num certo momento, membros da PAS vislumbraram um futuro em que as plantações de tabaco devastariam o solo sulista, provocando uma crise no mercado de exportação norte-americano que, por fim, tornaria a mão-de-obra escrava obsoleta (cf. McNEESE, 2008, p. 45 et seq). De fato, em uma época sem grande tecnologia de fertilização, quatro a cinco colheitas de planta de tabaco (*Nicotiniana tabacum*) eram suficientes para exaurir os nutrientes do solo num determinado pedaço de terra, forçando os agricultores a expandir seus terrenos cada vez mais. A longo prazo, aquele era um negócio inviável.

No entanto, em 1793, um engenheiro chamado Eli Whitney patenteou uma máquina que se provaria a maior inimiga da causa anti-escravista: trata-se do *cotton gin* (o descaroçador de algodão), capaz de separar 23 kg de fibra do algodão das sementes sem prejudicar seus fios. Anteriormente seriam necessários 50 homens e mulheres para fazer o mesmo trabalho em um dia inteiro. O *cotton gin* terminou por fortalecer a indústria de algodão imensamente, colocando os estados do Sul no topo da lista de exportadores mundiais. Na metade da década de 1790, o Sul dos EUA exportava 1.600.000 libras de algodão, alimentando os polos industriais recém-surgidos na Inglaterra. Com a chegada do *cotton gin* e substituição da monocultura do tabaco pela do algodão, a produção sulista chegará a 2.204.622.621 libras, totalizando cerca de 75% da produção mundial do gênero e um acréscimo aproximado de 1 para 1.377 em meio século (McNEESE, 2008, p. 39).

Uma vez que os estados recém-licenciados como as Carolinas e o Missouri passam a abrigar as famílias mais ricas do país, a configuração do governo também se altera. Como Davis (2003, p. 88) bem observa, durante os 72 anos entre as presidências de Washington e Lincoln, 50 deles foram governados por presidentes do Sul e proprietários de escravos. Dos seis presidentes do Norte, quatro eram simpatizantes declarados do sistema escravagista. O dinheiro derivado do suor de negros e negras sulistas pagou o mesmo aço que começava então a construir a malha ferroviária do país (*ibidem*, p. 89). Como é de se esperar, o aumento de produção foi seguido do crescimento maciço do número de escravos, traficados das demais colônias britânicas no Caribe e de Cuba.<sup>17</sup> Todo o delírio que produziu a metáfora da locomotiva do progresso técnico — essa versão norte-americana do entusiasmo tecnocrático — não teria razão de ser sem o trabalho escravo. Criticar o sistema que alimentava aquele progresso, conseqüentemente, logo virou um tabu.

Material abolicionista vindo do Norte passou a ser confiscado na década de 1830. Petições públicas começavam a chegavam ao Senado em quantidades cada vez maiores. A reação sulista

<sup>17</sup> Eisenstark (2010, p. 47) estima que em 1830 havia dois milhões de escravos nos EUA, mais do que a metade em comparação com quarenta anos antes.

foi vetá-las, ignorá-las e, em determinada altura, até mesmo censurá-las. Quando, em 1836, uma expedição contendo 412 mil petições chegou à Câmara dos Representantes, o Senado vetou qualquer discussão a respeito do tema da abolição de 1836 a 1844.<sup>18</sup> Por fim, o próprio vice-presidente dos Estados Unidos sob Jackson, John C. Calhoun, terminou sua carreira como ideólogo da escravidão fazendo turnê de palestras a respeito das bênçãos daquele sistema patriarcal, manipulando estatísticas do censo de 1840 para afirmar que a emancipação no Norte havia produzido insanidade dentre os negros, aumento no criminalidade, suicídio e degeneração.<sup>19</sup> Para muitos sulistas, a escravidão deixava de ser uma vergonha ou um mal necessário para se tornar uma instituição benevolente, ou “um bem positivo” (*a positive good*), no linguajar desajeitado de Calhoun.

Todos esses dados esparsos apontam para um cenário de complicações que remonta ao ano de 1829. É nele que o abolicionismo passa a ser visto pelos donos do poder como força ideológica ameaçadora, dividindo-se entre três alas. Nele surge o panfleto mais incendiário da era, escrito por um vendedor de roupas usadas, um negro livre de nome David Walker. Naquela era de bons prospectos sobre a escravidão, ele é o primeiro afro-americano a revelar o racismo e condescendência dos próprios líderes abolicionistas, inclusive de um Pai Fundador, Thomas Jefferson.<sup>20</sup> Walker tivera a visão suficiente para entender que abolicionistas deviam revolucionar seu próprio movimento antes de ter capacidade de revolucionar o país. Qualquer coisa diferente de manumissão imediata não seria nem prático, nem moral. Além disso, a mudança não viria do apelo à alma humanitária de escravocratas, mas por meio de violência.

### David Walker e a origem do radicalismo negro (1829)

Curiosamente, o primeiro grande ataque à cultura do Sul veio de um sulista. David Walker nasceu na Carolina do Norte em 1796 e, embora fosse filho de um escravo e uma mulher livre, teve contato cotidiano com a escravidão. Desde o início de sua maturidade, morou em três centros urbanos importantes para negros livres: Charleston/SC, Filadélfia/PA e, por fim, Boston/MA, onde se estabeleceu em 1825 e tomou parte em diversas organizações cívicas e religiosas. Mas não em grupos abolicionistas.

Em partes porque o abolicionismo vivia o paradoxo de restringir sua liderança a brancos. Os próprios “amigos dos escravos” eram muitas vezes defensores de teorias de hierarquia racial e céticos perante a integração do negro na sociedade americana, já uma colcha de retalhos de etnias imigrantes, pela sua suposta incapacidade de acompanhar o ritmo do progresso.<sup>21</sup> Conforme o negócio do algodão prosperava, abolicionistas brancos se convenciam de que um acordo entre governo federal e escravocratas do Sul só seria levado a cabo mediante algum plano de compensação monetária das eventuais perdas trazidas pela manumissão. Restava responder, igualmente, uma questão de ordem demográfica: o que fazer com os milhões de negros uma vez que a escravidão fosse algo do passado?

Este é o momento em que David Walker entra na discussão. Ele altera a face do abolicionismo ao expor seus problemas internos, sendo, por exemplo, o primeiro a condenar a ideia de colonização da Libéria como uma proposta de fundo racista. Para tal, publicou em 1829 9o panfleto *Walker's Appeal* (3ª edição definitiva de 1830). Como veremos, aquela foi uma iniciativa de um escritor negro num momento em que ninguém pedia a opinião desse setor da população, tampouco os inimigos da escravidão. Com Walker, a cor do próprio abolicionismo se altera.

“Este apelo é destinado a eles, negros e pessoas de cor”, lemos no verso da capa do documento (WALKER, 1830, p. 2). Aquela é a primeira vez em se vê circular nos Estados Unidos da América uma peça de retórica de um negro para negro, sobre problemas de sua própria experiência social. A primeira asserção de Walker é que “todos os homens, mulheres e crianças de cor, de todas as nações, idiomas e línguas sob o céu tentarão adquirir uma cópia deste *Apelo* e a lerão, ou

18 Essa ficou conhecida com a Lei da Mordaça ou Gag rule (NEWMAN, 2002, p. 48).

19 Ver Davis, 2003, p. 101. Sobre a contrapropaganda pró-escravista, ver também Stauffer, 2012, p. 74.

20 Aptheker, 1965, p. 54. Jefferson se tornará um dos principais alvos de críticas de abolicionistas daí em diante; o primeiro romance afro-americano, *Clotel, or the President's Daughter* (1853) de William Wells Brown, ficcionaliza a vida de uma filha mestiça de Jefferson com a escrava Sarah Hemings, vendida após a morte do pai.

21 O principal veiculador dessa ideia foi Thomas Jefferson (1788, p. 154).

arrumarão alguém para ler para si” (*ibidem*, p. 2). O fato de o texto ser um dos documentos mais estudados por afro-americanistas atesta quão certa foi tal suposição, mas decerto há algo de pretensioso no trecho. Consideremos a afirmação, porém, de um ponto de vista argumentativo. Ela serve de preâmbulo para o primeiro dos quatro apelos de Walker (*op. cit.*, p. 9-21), desdobrando-se como um longo argumento teológico.

“TENDO viajado por uma porção considerável destes Estados Unidos e, no decurso de minhas viagens, tendo sido levado às mais precisas constatações acerca das coisas, tal como elas são —”, diz o narrador do texto, concluiu-se de que “nós”, os afro-americanos, “somos o conjunto de seres mais degradado, desventurado e abjeto que já viveu desde que o mundo começou” (grifo do autor, *ibidem*, p. 3). Esse curioso narrador, suposto conhecedor dos inícios do mundo, visita diversas outras cenas históricas da escravidão: a época em que os israelitas foram subjugados pelos faraós egípcios, os hilotas pelos espartanos e tribos europeias pelos romanos imperiais. Como um espírito capaz de abarcar a totalidade da história, a tal voz não-identificado interrompe sua descrição para iniciar uma invocação remetente às narrativas épicas: “Eu apelo ao Céu em prol do meu motivo ao escrever — o qual sabe que o meu objetivo é, se possível, despertar nos peitos de meus irmãos aflitos, degradados e entorpecidos um espírito de indagação” (*ibidem*, p. 4-5).

No decorrer do texto, ele repetidamente interromperá o discurso propriamente dito sobre a escravidão para se dedicar a breves excursos. Nesses momentos, exporá dados etnográficos sobre diferentes formas históricas de subjugação de um povo pelo outro, chegando sempre à mesma conclusão: nunca uma população foi tão rebaixada quanto os negros na América. Aquele era um momento de crise da marcha da história; Walker, escrevendo de uma época de crença no avanço linear da espécie humana, diagnostica um curto circuito nessa dinâmica. A “nação esclarecida e cristã” (*ibidem*, p. 3) se provava ser o lar de milhões de indivíduos vivendo na maior degradação humana já testemunhada.

Daí a dupla conclusão: primeiramente, os negros americanos, escravizados ou livres, não tinham muito a perder. Consequentemente, a animosidade instalada contra seus opressores criara um estado potencial de guerra cada vez mais iminente — uma ideia já expressa num ensaio de Benezet meio século antes.<sup>22</sup>

A rebelião era uma fatalidade — e o objetivo declarado daquele longo tratado seria o de apresentar argumentos históricos de que um desastre se aproximava caso os Estados Unidos não abolissem a escravidão de uma vez. Num trecho brilhante, Walker se vale de uma estratégia retórica comum aos retóricos romanos, dizendo:

Não falarei aqui das destruições que o Senhor trouxe sobre o Egito como consequência da opressão e consequentes gemidos dos oprimidos — do sofrimento do Senhor sobre o povo de Esparta ou Lacedemônia — nem tenho tempo para comentar a causa que gerou a ira com que Sula usurpou o título, além de agir como ditador absoluto do povo romano — da conspiração da Catilina [...] (*ibidem*, p. 6).

E os exemplos seguem por um longo parágrafo. A figura de linguagem empregada em questão, a paralipse, é aquela em se que alega não precisar mencionar X e Y fatos, ao mesmo tempo que já se diz tudo isso. O narrador de Walker provoca seu público, evocando conhecimentos fatuais que ele, como público educado, deveria ter em mente, e que mostram um fato do desenvolvimento histórico — se há alguma regra na natureza humana é que opressão duradoura de um povo invariavelmente fermenta rebeliões e guerras civis. E os Estados Unidos estavam à beira de uma. Walker segue a tradição inaugurada por Benezet na medida em que inicia seu discurso demonstrando a capacidade de argumentar seu caso contra a escravidão valendo-se da erudição e referências clássicas comuns ao discurso jurídico da época.

Em muitos trechos, parece haver um desvio do antigo tom judicativo de Benezet, sobretudo nas constantes menções à justiça divina. Um exemplo dessa crença se vê quando Walker alega que

<sup>22</sup> No contexto escravista, o homem branco se torna “inimigo natural” do negro — essa é uma formulação presente em Benezet (1858b, p. 31) repetida no Appeal de Walker nada menos que nove vezes (ver 1830, p. 14, 23, 26, 30, 67, 68, 70).

o escravocrata, por mais convicto que possa se sentir lucrando às custas de outro indivíduo, na verdade está cultivando a própria ruína. “Embora a destruição divina dos opressores possa não ser efetuada por intermédio dos oprimidos, ainda assim será conduzida pelo Senhor, nosso Deus, contra eles” (*op. cit.*, p. 5). Ao dizê-lo, Walker parece retroceder às origens quacre do discurso abolicionista: a escravidão é expressa tal qual um pecado nacional, e cabe confiarmos que a Divindade castigará os ímpios quando melhor Lhe aprouver. De fato, enquanto discursa como se fosse o mensageiro do Deus cristão, o narrador está mais próximo de um sermoneiro do que de retórico interessado em questões jurídico-institucionais.

Essa impressão é enganadora, no entanto: a grande inovação da leitura teológica de Walker se encontra no primeiro dos quatro artigos do *Apelo*, quando diz:

Não entenda aqui que eu quero dizer que devemos esperar Deus nos pegar pelos cabelos de nossas cabeças e arrastar-nos para fora da desgraça e escravidão. Tampouco quero transmitir a ideia de que esperemos até nossos inimigos deem conta dos preparativos e nos chamem para tomar posse de tais preparativos, arrancando-os deles e pondo tudo a perder, até a morte, a fim de ganhar a liberdade que Deus nos conferiu (*op. cit.*, p. 14).

Expressa-se aqui uma compreensão bastante mundana da justiça divina. A dedução racional do fato de que negros e negras compartilham os mesmos direitos do resto da humanidade implica em seu pleno direito de autodefesa contra a opressão escravista. Aqui temos uma formulação precoce da desobediência civil, conceito perene no pensamento político afro-americano: instituições também devem se submeter ao mesmo princípio iluminista de racionalidade ao qual agentes individuais são submetidos numa democracia. Uma vez que as mesmas instituições são julgadas injustas por uma comunidade, torna-se direito e *dever* desta derrubá-las — é o que declara Walker no final do panfleto, ecoando a Declaração da Independência (*ibidem*, p. 85).

E mais: aqui não temos somente uma defesa da legitimidade do uso de violência contra usurpadores. Para Walker, a revolta violenta não é especulação, mas fato consumado. Mantendo seu habitual tom profético, conclui num dos trechos mais polêmicos do panfleto: “Nossos sofrimentos chegarão ao fim [...] Então quereremos que todo o aprendizado e talentos dentre os nossos, e talvez tantos outros, nos governe. — ‘Todo cão tem que ter o seu dia’ e o dos americanos está chegando ao fim” (grifo do autor, *ibidem*, p. 18).

Nesse trecho polêmico, Walker discute a questão da integração do negro no futuro dos Estados Unidos. Ela se insere no meio de uma longa refutação dos argumentos do ex-presidente Thomas Jefferson, autor de *Notes on the State of Virginia* (1788), livro que serviu como base para teorias raciais da superioridade branca dali em diante. Walker cita o ex-presidente diretamente, remetendo à justificativa deste do porquê negros, uma vez que se virem livres, deverão ser treinados em algum ofício indispensável para uma comunidade e então ser deportados para a África — este é o tal do projeto de colonização da Libéria, como mencionado acima, arquitetado pela *American Colonization Society*. Jefferson justifica a necessidade dessa saída ante a animosidade que se instalou entre brancos e negros:

Preconceitos profundamente enraizados por parte dos brancos, dez mil lembranças por parte dos negros de danos sofridos, novas provocações, a distinção real que a natureza fez [entre as raças] e muitas outras circunstâncias nos dividirão em partidos que produzirão convulsões as quais provavelmente nunca acabarão em nada além do extermínio de uma ou outra raça (JEFFERSON, 1788, p. 147).

A ideia de uma possível guerra inter-racial é de Jefferson, portanto, não uma mera incitação às armas de Walker. As conclusões que cada um toma, porém, são muito diversas. O negro para quem apela no panfleto foi o mesmo que ajudou a construir a poderosa economia norte-americana; em certa medida os Estados Unidos é sua terra por direito, diz Walker, mais do que é para muitos brancos. E quanto àqueles que aceitam o plano da colonização da Libéria, “a gente de cor deve

ficar contente que eles se forem, pois se são ignorantes o bastante para se deixarem enganar pelos brancos a ponto de ir para a África, não nos seriam um mal pequeno continuar residindo neste país” (WALKER, 1830, p. 73). O negro se manterá nos Estados Unidos e deve se unir para demandar abolição imediata da escravatura — essa é a conclusão do panfleto. Se isso será conquistado mediante rebeliões ou pacificamente, cabe ao homem branco decidir.

Violência não era, nem deveria ser, o problema no texto. Walker estava lidando, antes, com a defesa de certos princípios sociais fundamentais. Havia um curto-circuito no sistema democrático dos EUA, e o porta-voz David Walker demandava direitos iguais a seus compatriotas. O texto fornece prolegômenos para uma discussão da questão do negro em 1829, no momento histórico de expansão da escravidão estadunidense, do ponto de vista de um representante da nova intelectualidade negra que se formava em centros urbanos do Norte. Ao mesmo tempo em que radicaliza a mensagem abolicionista, Walker está formulando uma retórica que servirá de modelo para narrativas de escravos e a literatura afro-americana como um todo daí para frente. O discurso do *antebellum* se altera aqui “conforme ‘era da sentimentalidade’ do persuasão moral e não-resistência se metamorfoseou em uma ‘era do heroísmo militarista’.” Após 1829, a simpatia do abolicionista pelo escravo “se transformou em chamados por sacrifícios que deveriam ser incorridos para que a união fosse salva de uma guerra civil” (DELOMBARD, 2007, p. 201). Acreditar na persuasão moral cedeu a uma tática de combate, inicialmente na mídia, então no próprio campo de batalha. A linguagem do abolicionista se altera porque ele próprio foi transformado: o novo tipo de abolicionista não estava protegido pelas garantias do gabinete político e decoro das discussões jurídicas como os gradualistas. Ele era o vendedor de roupas usadas David Walker, o pastor William Troy, o jornalista William Lloyd Garrison — gente pequena realizando grandes feitos.

Para muitos sulistas, abolicionistas eram fanáticos ensandecidos, dispostos a ameaçar sua economia e unidade social. Conforme os conflitos entre as duas partes se exaltam, o abolicionismo tornou-se um partido para aqueles de sangue frio. Todos os grandes líderes de 1829 a 1865 foram perseguidos e sistematicamente caçados — afinal, aquele que assina a abolição da escravatura nos EUA, Abraham Lincoln, será assassinado logo em seguida. Décadas antes, em 28 de junho de 1830, David Walker foi encontrado morto no umbral de sua loja em Boston, tornando-se o primeiro grande mártir dos abolicionistas. Muitos acreditaram que ele tenha sido envenenado e silenciado por conspiradores, hipótese nunca comprovada de fato.<sup>23</sup>

Isso porque o poderio econômico crescente dos estados do Sul foi acompanhado pela conquista de poder político. Os mesmos que lucravam com o algodão redigiam e ratificavam leis estaduais e, com retaguarda da polícia, lançavam campanhas de perseguição a ‘baderneiros’ anti-escravistas. Na Geórgia, a lei número 80 declarou crime *punível por morte* circular, importar ou produzir panfletos incitando revoltas de escravos. Em seguida, reforçou-se a aplicação de uma lei antiga proibindo que negros trabalhassem em ofícios ligados ao setor gráfico — todas essas interferências legislativas ocorreram como reação imediata à crescente celebridade de Walker.<sup>24</sup> Para o próprio Walker, havia um prêmio de US\$ 3.000 caso entregue morto, e US\$ 10.000 caso sequestrado em sua casa e entregue vivo para as autoridades do Sul.<sup>25</sup>

Não apenas por força de seu argumento e tom incendiário, mas também pelo alcance daquele panfleto que “todos tentarão adquirir uma cópia [...] e lerão, ou arrumarão alguém para ler para si” (WALKER, 1830, p. 2). A forma como circulou foi um pouco menos fácil do que tal afirmação dá a entender; o primeiro meio para traficar o material impresso de Boston para o Sul foi costurando-o nas roupas que vendia para marinheiros. Por experiência, Walker sabia que marinheiros barganhavam suas roupas por bebidas alcoólicas em cidades portuárias; boa parte de sua clientela consistia nessa classe. Assim, aportando numa cidade sulista, era de se esperar que vendessem suas roupas para demais roupeiros (uma profissão dos negros, na época), os quais encontrariam o material na hora de fazer devidos reparos nas roupas e saberiam o que fazer com ele (cf. CROCKETT, 2001, p. 306).

23 Para uma boa revisão das hipóteses acerca de sua morte, ver Crockett, 2001, p. 307.

24 Detalhes sobre a reação da Geórgia ao autor, ver Crockett, 2001, p. 307 et seq, sobretudo p. 311.

25 Ver Davis, 2003, p. 87; Aptheker, 1965, p. 18-19. Segundo o Bureau of Labor Statistics, R\$ 10.000 de 1830 equivalem à quantia exorbitante de US\$ 260.877, 17 atuais (Disponível em: <<https://www.officialdata.org/1830-dollars-in-2016?amount=10000>>. Acesso em: 6 ago. 2018).

Numa das poucas cartas que restaram do autor, obtemos outros dados sobre a divulgação do panfleto:

envio por meio desta 30 [cópias] as quais peço que venda entre a gente de cor. O preço desses livros é de 12 centavos por livro – para os que podem pagar por ele, – e se houver alguém que não possa pagar pelo livro, dê-lhe de graça [...].<sup>26</sup>

Aqui há um interesse declarado em que o material seja distribuído entre negros e repercuta como mídia independente. Não por acaso, Walker dedica todo o segundo capítulo do panfleto evocando maior solidariedade entre os próprios negros, clamando para que se unam a favor de uma causa única. O *Apelo* de Walker, por fim, multiplicou-se e voltou a ser impresso, por partes, no periódico *The Liberator* de Garrison, um antigo gradualista que, há pouco, convencera de que a abolição imediata seria a única medida justa (cf. CROCKETT, 2001, p. 315). Isso aconteceu ao ler a panfleto daquele negro de Boston; Garrison e muitos dos grupos abolicionistas entenderam que sua causa só surtiria efeito caso houvesse um acordo entre negros e brancos; a literatura produzida por eles traria novas ideias, além de relatos em primeira mão de experiências de racismo.

Demorou até 1838 para que a *American Anti-Slavery Society* de Garrison publicasse sua primeira narrativa de escravos, de um fugitivo do Alabama chamado James Williams. A partir de então, o abolicionismo já era uma mídia organizada, com seus veículos de imprensa, autores consagrados e distribuição que chegava até a longínqua Inglaterra. Narrativas a partir de James Williams estão mais próximas às estratégias do radicalismo negro de Walker do que do gradualismo anterior; em diversas delas os protagonistas recorrem a crimes em nome da liberdade (seja à violência ou simplesmente a ‘roubar a si próprio’ de um proprietário de escravos). Ela propõe e argumenta a favor de uma ordem de direito diferente, geralmente citando legislação extensivamente (como ocorre, por exemplo, em Jacobs, 2018, p. 119-126, 225-231). A retórica da exposição de detalhes etnográficos e fatos históricos brutos — o que se chamou de ‘tom judicativo’ aqui —, misturadas a técnicas de persuasão moral, atesta que essa nova mídia de divulgação dos males da escravidão se entendia desde cedo como parte de uma extensa tradição argumentativa.

Narrativas de escravo se tornaram o primeiro gênero autenticamente afro-americano, responsável pela criação de um repertório de temas, dispositivos retóricos e personagens relevantes até hoje para a cultura mundial. Frederick Douglass, Harriet Ann Jacobs, William Wells Brown foram todos ex-escravos que tiveram a oportunidade de se educar e escrever o cânone dessa nova literatura. Como tantos outros movimentos de ativismo político, o abolicionismo sobreviveu por ter aprendido, mediante experiência, a selecionar seus líderes, mártires e inimigos, construindo uma imagem eloquente de seus ícones por meio de um discurso midiático inovador e impactante.

Walker, mais Benezet antes dele, receberam destaque neste artigo por inovarem em três sentidos:

- (1) eles inovaram ao moldar sua *persona* pública inspiradora para abolicionistas futuros;
- (2) por reinventarem a forma de argumentar pela causa do negro para além de paradigmas filosóficos e legais disponíveis em suas épocas;
- (3) por sua atuação como grandes empresários midiáticos, inovadores na difusão e multiplicação de suas ideias numa mídia dominada pelo discurso escravista mais conservador. Tal distribuição, não nos esqueçamos, se deu num momento em que o abolicionismo ainda não era um movimento nacionalmente organizado: Walker, sobretudo, deu conta de distribuir seu documento clandestinamente, criando uma ponte entre produtores de cultura do Norte e sulistas que permitiu a este público ter contato com um ataque a seu modo de vida pela primeira vez (cf. FINSETH, 2001, p. 338).

Por fim, é um erro acharmos que o imediatismo virulento de Walker tenha substituído por completo a crença na persuasão moral remontante a Benezet e os quacres. O próprio Garrison foi um pacifista até o fim, como outros tantos líderes do movimento. Uma coisa é certa, porém: a partir de Walker, abolicionistas gradualistas deixaram de ver escravocratas como “irmãos metidos num negócio sórdido” para passar a vê-los como “inimigos da justiça, imorais e criminosos” (CROCKETT, 2001, p. 305). A luta, resolvida só na Guerra Civil de 1861-1865, estava travada.

<sup>26</sup> Transcrição da carta de 8/12/1829 a Thomas Lewis (VIRGINIA STATE RECORDS, 1829).

A vantagem de pensarmos o abolicionismo como uma mídia, com suas próprias dissensões internas, é a possibilidade de se identificar novas tecnologias de distribuição e argumentação de uma perspectiva sincrônica. Uma análise histórica prévia ao estudo detido de textos da época fornece mecanismos para pensarmos tais textos abolicionistas, sejam panfletos ou prosa altamente estilizados, num outro nível. Uma narrativa de escravos, por exemplo, não é simplesmente 'abolicionista', visto a variedade de posições dentro do movimento. Cada autor termina por se posicionar de forma singular ante os muitos debates da época: alguns dos debates mencionados aqui foram a questão gradualismo *versus* imediatismo, da possibilidade integração *versus* a necessidade do separatismo, da não-violência *versus* uso de violência, da eficácia do governo e outras agências para conquistas sociais. Compreender autores escravos sob essa perspectiva mais ampla parece um caminho válido para pensarmos no primeiro momento da prosa afro-americano fazendo jus a sua riqueza intelectual.

## Referências

ADELEKE, Tunde. Afro-Americans and moral suasion: the debate in the 1830's. **The Journal of Negro History**, Vol. 83, No.2, p. 127-142, Spring, 1998.

APTHEKER, Herbert. **"One Continual Cry": David Walker's Appeal to the Coloured Citizens of the World (1829–1830): Its Setting and Its Meaning**. New York: Humanities Press, 1965.

BENEZET, Anthony. A short account of that part of Africa inhabited by the negroes, &c (1762). In: BENEZET, Anthony; WESLEY, John. **Views of American Slavery taken a Century ago**. Philadelphia: L. Johnson & Co, 1858a, p. 51-65.

\_\_\_\_\_. Caution and warning to Great Britain and her colonies on the calamitous state of the enslaved negroes in the British dominions (1766). In: BENEZET, Anthony; WESLEY, John. **Views of American Slavery taken a Century ago**. Philadelphia: L. Johnson & Co, 1858b, p. 29-50.

BENEZET, Anthony; WESLEY, John. **Views of American Slavery taken a Century ago**. Philadelphia: L. Johnson & Co, 1858.

BRADFORD, Sarah H. **Harriet: the Moses of her people**. New York: Geo. R. Lockwood & Son, 1886.

BUREAU OF LABOR STATISTICS. Inflation Rate, \$ 10,000 in 1830 to 2016. Disponível em: < <https://www.officialdata.org/1830-dollars-in-2016?amount=10000> >. Acesso em: 6 ago. 2018.

CROCKETT, Hasan. The Incendiary Pamphlet: David Walker's *Appeal* in Georgia. **Journal of Negro History**, Vol. 86, No. 3, p. 305-318, Summer, 2001.

DAVIS, David Brion. **Challenging the Boundaries of Slavery. The Nathan I. Huggins Lectures**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

DELOMBARD, Jeannine Marie. **Slavery on Trial: Law, Abolitionism, and Print Culture**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **The Problem of Slavery in the Age of Revolution**. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

EISENSTARK, Reyna. **Abolitionism**. New York: Chelsea House, 2010. (Key Concepts in American History).

FIERING, Norman. **Moral Philosophy at Seventeenth-Century Harvard: A Discipline in Transition**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1981.

FINSETH, Ian. David Walker, Nature's Nation, and Early African American Separatism. **Mississippi Quarterly**, Vol. 54, No. 3, p. 337-362, summer, 2001.

GARRISON, William Lloyd. Declaration of Sentiments of the American Anti-Slavery Convention (Philadelphia, December 6<sup>th</sup>, A. D. 1833). In: **Selections from the Writings of W. L. Garrison**. Boston: R. F. Wallcut, 1852, p. 66-71.

JACOBS, Harriet Ann. **Incidentes na Vida de uma Garota Escrava, escritos por ela mesma**. São Paulo: Aetia Editorial, 2018.

JEFFERSON, Thomas. **Notes on the State of Virginia**. Philadelphia: Prichard and Hall, 1788.

McNAUGHTON, David. "British Moralists of the Eighteenth Century: Shaftesbury, Butler and Price". In: BROWN, Stuart (Ed.) **Routledge History of Philosophy, Volume 5**. London & New York: Routledge, 1996. p. 166-185.

McNEESE, Tim. **The Abolitionist Movement: Ending Slavery**. New York: Chelsea House, 2008.

NEWMAN, Richard S. **The Transformation of American Abolitionism: Fighting Slavery in the Early Republic**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002.

QUAKER PROTEST AGAINST SLAVERY IN THE NEW WORLD, GERMANTOWN (PA.), 1688. Disponível em: <[http://tritych.brynmawr.edu/cdm/compoundobject/collection/HC\\_QuakSlav/id/11/rec/2](http://tritych.brynmawr.edu/cdm/compoundobject/collection/HC_QuakSlav/id/11/rec/2)>. Acesso em: 26/07/2018.

SAUDER, Gerhard. **Empfindsamkeit. Band I: Voraussetzungen und Elemente**. Stuttgart: J. B. Metzler, 1974.

STAUFFER, John. Fighting the Devil with his own fire. In: DELBANCO, Andrew. **The Abolitionist Imagination**. Cambridge / London: Harvard University Press, 2012, p. 57-80.

VIRGINIA STATE RECORDS. **Transcript of David Walker's 8 December 1829 letter to Thomas Lewis**. Fac-símile disponível em: <[http://www.virginiamemory.com/blogs/out\\_of\\_the\\_box/2011/02/09/david-walkers-appeal-anti-slavery-literature-in-the-executive-communications/](http://www.virginiamemory.com/blogs/out_of_the_box/2011/02/09/david-walkers-appeal-anti-slavery-literature-in-the-executive-communications/)>. Acesso em: 04.ago.2018.

WALKER, David. **Walker's Appeal, in four articles; together with a preamble, to the coloured citizens of the world, but in particular, and very expressly, to those of the United States of America**. Third Edition. Boston: s/e, 1830. Disponível em: <<https://docsouth.unc.edu/nc/walker/walker.html>>. Acesso em: 30.jul.2018.

WILLIAMS, James. **The narrative of James Williams, an American slave, who was for several years a driver on a cotton plantation in Alabama**. New York: The American Anti-Slavery Society, 1838.

Recebido em 18 de novembro de 2018.

Aceito em 9 de abril de 2019.